

Transição agroecológica e mulheres: um estudo bibliométrico a partir da revista Cadernos de Agroecologia da ABA

Patrícia Barcelos Valiente Umann ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Acadêmica do Curso de Graduação em Agronomia, Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Santa Catarina. Rod. Admar Gonzaga, 1346, Bairro Itacorubi, Caixa Postal 476, CEP 88040-900, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: pativalienteagroecologia@gmail.com

Resumo: A pesquisa tem como objetivo relacionar a presença de mulheres à transição agroecológica em seus sentidos, contextos e práticas sociais nas publicações sobre Transição Agroecológica (TA) na Cadernos de Agroecologia da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia). Realizou-se estudo bibliométrico e revisão de literatura das publicações sobre transição agroecológica. A presença de mulheres autoras se dá de forma expressiva, são elas a maioria em 1ª autoria. A maior parte das autoras se concentra nas regiões Nordeste e Sudeste. Os dados mostraram que está em um crescente os estudos sobre TA publicados por mulheres localizadas na região Nordeste, assim como os estudos sobre mulheres e publicados unicamente por mulheres. A presença de instituições/órgãos públicos se dá principalmente na esfera do ensino/pesquisa/extensão, como política pública que se insere na dinâmica agroecológica de autonomia e transformação socioambiental e política. Os coletivos são diversos e contextualizados às dinâmicas que se inserem, fortalecendo a TA. Nos estudos que abordam a transição agroecológica, o principal objeto de observação social é a agricultura familiar em TA, seguida de agricultura assentada em TA. As publicações têm forte caráter de enfrentamento e a presença das mulheres o potencializa, especialmente no que tange à equidade de gênero. Há convergência dos sentidos da TA e o empoderamento das mulheres, onde uma apoia a outra, em uma relação essencial de motivação, revolução e envolvimento.

Palavras-chave: agroecologia; gênero; transição agroecológica.

Agroecological transition and women: a bibliometric study based on ABA's Cadernos de Agroecologia

Abstract: The research aims to relate the presence of women to the agroecological transition in its meanings, contexts and social practices in publications on Agroecological Transition (TA) in the Cadernos de Agroecologia of the Brazilian Association of Agroecology (ABA-Agroecology). A bibliometric study and literature review of publications on agroecological transition were carried out. The presence of female authors is significant, they are the majority in 1st authorship. Most authors focus on the Northeast and Southeast regions. The data showed that there is a growing number of studies on AT published by women located in the Northeast region, as well as studies on women and published solely by women. The presence of institutions/public bodies occurs mainly in the sphere of teaching/research/extension, as a public policy that is inserted in the agroecological dynamics of autonomy and socio-environmental and political transformation. The collectives are diverse and contextualized to the dynamics that are inserted, strengthening AT. In studies that address the agroecological transition, the main object of social observation is family farming in TA, followed by settled agriculture in TA. The publications have a strong character of confrontation and the presence of women enhances it, especially with regard to gender equity. There is a convergence of the meanings of AT and the empowerment of women, where one supports the other, in an essential relationship of motivation, revolution and involvement.

Key-words: agroecology; genre; agroecological transition.

1. Introdução

Os caminhos que levam a transição agroecológica (TA) são diversos em seus contextos e fluxos, permeando processos co-criados pelo tecido social específico em que se inserem, que, assim como as mulheres que atuam na transição, carregam potencial de transformação desde sua essência. Pensar a transição agroecológica para além das técnicas eminentemente produtivas, que consideram elementos da fitotecnia, da entomologia, da biologia, da química, dentre outros, é dar luz a profundidade e diversidade que ela carrega na sua especificidade de contextos, à sua amplitude geradora de construção de agriculturas em equilíbrio com o seu entorno, não só ecológico, mas político e social. Posicionando as pessoas como atoras sociais e co-criadoras de seus territórios, em um processo de resgate da autonomia e confiança, e de enfrentamento aos danos históricos e atuais da história do nosso país.

A transição agroecológica nesta perspectiva mais ampla, por meio de conexões e troca de saberes diversas, age para a melhora da qualidade de vida dos povos, que historicamente enfrentam a degradação ecológica e cultural advinda de processos hegemônicos de agricultura e artificialização dos espaços, moldando as ações humanas, enraizando técnicas agrícolas danosas ao ambiente e as pessoas que são vistas como únicas opções possíveis. (TALASKA; PUNTEL; SIMON, 2014)

O empoderamento das mulheres agricultoras, historicamente invisibilizadas na economia familiar, na gestão da produção, na construção do conhecimento, na autonomia colaborativa e na busca de harmonia com a natureza, da qual somos parte, enfrenta um sistema patriarcal e machista, que constantemente desqualifica as mulheres nos diversos espaços de produção e de reprodução da vida (SOUZA; DUBEUX, 2020). Do ponto de vista das dinâmicas da sociedade, há de se reconhecer que muito se avançou nesse sentido do despertar das mulheres e dos processos individuais e coletivos de empoderar-se ao longo da jornada de atuação política, mas muito ainda precisa ser feito (D'AVILA, 2021). Em específico no âmbito da construção do conhecimento agroecológico, e ao que se diz respeito a atuação das mulheres que estão em instituições de ensino, pesquisa e extensão escrevendo sobre transição agroecológica, os desafios não são menores. Problematizar esse tema é a finalidade desta pesquisa, que tem por objetivo relacionar a presença de mulheres à transição agroecológica em seus sentidos, contextos e práticas sociais e faremos isso com base nas publicações da revista Cadernos de Agroecologia da Associação Brasileira de Agroecologia, que tratam de transição agroecológica.

A escolha da CA como banco de dados primordial para compreender a expressividade da atuação das mulheres na construção do conhecimento agroecológico por meio da chave “transição agroecológica” se justifica por: (i) a CA publicam Anais de eventos em agroecologia (internacionais, nacionais, estaduais, regionais, locais) e, neste sentido, captam uma diversidade de autoras; (ii) a CA publicam experiências e histórias pulsantes, co-criando um novo paradigma de ciência, alinhada com os preceitos da agroecologia, em um formato mais flexível que valoriza o diálogo de saberes populares e técnico-científicos; (iii) a CA permitem acompanhamento do tema da transição e da emergência das autoras em período histórico, da regionalização tanto da autoras quanto do tema da transição, dentre outras possibilidades analíticas.

A pesquisa aqui apresentada é do tipo bibliográfica, realizada por meio de estudo bibliométrico, e se insere na busca de conhecimento para construção de uma sociedade que se quer justa, igualitária e ambientalmente equilibrada. Afirma-se, antecipadamente, com base neste estudo que as práticas sociais que levam à transição agroecológica, influenciando mudanças técnicas, tecnológicas e sociais, são pautadas, assim como a construção do conhecimento agroecológico *sobre e por* mulheres enquanto objeto de observação social e autoras das publicações, na importância do olhar diferenciado, do interesse, do protagonismo, nos enfrentamentos e nas ressignificações daí decorrentes. O trabalho está dividido em 5 (cinco) seções a contar desta Introdução. Deste modo, a seção 2 aborda a transição agroecológica e as mulheres de modo a tratar de conceitos chave. A seção 3 discute a metodologia da pesquisa. A seção 4 apresenta as publicações sobre transição agroecológica na Cadernos de Agroecologia trazendo sua caracterização, contextualização e os sentidos da transição agroecológica e, por fim na seção 5 estão as considerações finais.

2. Transição Agroecológica e Mulheres

A transição agroecológica, enquanto conjunto de ações e práticas de caráter sociotécnico, envolve ampla complexidade e vai muito além da mera passagem de um modelo tecnológico para outro. Essa transição é um processo co-criado por um tecido social que busca ser mais democrático e equitativo, pautando pela ética e justiça social. As populações, sobretudo rurais, são protagonistas em um processo de empoderamento educativo, dialógico e participativo, onde a mobilização e organização social são propulsoras dos enfrentamentos e estratégias necessárias (SILIPRANDI, 2002).

Se tem uma palavra que pode traduzir “transição” a palavra é “transformar”. Podemos ainda estabelecer um paralelo entre “transição” e “atuação” das mulheres na construção do conhecimento, uma vez que ambos os termos encontram explicações consistentes no “transformar”. Transformar é palavra-chave na transição agroecológica e na luta das mulheres, entende-se que são diversas as identidades socioculturais envolvidas nos dois processos, de TA e luta das mulheres, da mesma forma que, ambos se retroalimentam.

As mulheres por muitas vezes são protagonistas no início da TA e no interesse por formas sustentáveis de produção (SILIPRANDI, 2015). São essenciais, potencializando o olhar para o cuidado com a terra e os seres que nela habitam, transformando relações e práticas que trazem mais saúde para as/os agricultoras/es, são elas as grandes protagonistas na construção do diálogo de saberes, onde a sensibilidade aguça suas percepções (SOUZA; DUBEUX, 2020). Em grande medida, são as mulheres que atuam proporcionando os encontros transformativos, estando presentes na teoria e prática da TA, na construção do conhecimento agroecológico em suas diversas dimensões.

O que se pauta é a agroecologia como parte de uma sociedade justa, socialmente igualitária e permeada de diversidades (JESUS et al., 2021), em prol de uma ciência que esteja a serviço do povo, alicerçada nos saberes ancestrais e na agroecologia (TEIXEIRA et al., 2018), esta enquanto mais um dos espaços de luta e protagonismo das mulheres (RABELLO; REIS; SILVA, 2020). Em algum ponto o próprio enfoque agroecológico é pautado pelo cuidado e, as mulheres, buscam alternativas de enfrentamento às situações de violência e degradação impostas nos diversos níveis e ambientes (SILVA et al., 2020).

Os processos arraigados de desvalorização e violência de gênero, que tem na violência física seu ápice, também contemplam danos emocionais e meios que geram prejuízo psicológico e à autodeterminação (SILVA et al., 2020). O machismo é uma realidade em muitos contextos, é um grande desafio para as mulheres gestoras de unidades rurais que tem suas opiniões constantemente desvalorizadas, onde a tomada de decisão, o uso de maquinário agrícola e os serviços braçais são vistos como apenas masculinos (SANTIN et al, 2018), jovens mulheres rurais em certos contextos não são preparadas para gestão das unidades agropecuárias, em uma tendência de incentivo a escolha de outras profissões ligadas a centros urbanos (PASQUALOTTO et al., 2015).

As atividades realizadas pelas mulheres em geral não estão nos circuitos monetários clássicos, e equivocadamente são constantemente desvalorizadas, consideradas como trabalhos improdutivos (BUTTO; ESPÍNDOLA, 2020). As mulheres rurais desempenham multi-tarefas, com rotinas carregadas, o que muitas vezes é reforçado de forma sutil por uma

visão da mulher ligada a sacrifícios em prol do bem-estar da família (LEAL et al., 2020). Quintais produtivos, com diversidade de alimentos e proximidade às casas, são espaços que conectam a transição agroecológica, geram autonomia e promovem a segurança alimentar, caracteristicamente são geridos por mulheres, contribuem na sócio-agrobiodiversidade e são espaços de (r)existência. (SANTOS, 2020). A capacidade de geração de renda, por meio de feiras e grupos, pode potencialmente ressignificar a divisão do trabalho de cuidados (SOUZA; DUBAUX, 2020), gerando visibilidade ao trabalho feminino, por meio da agroecologia que valoriza as atividades tradicionalmente feita por mulheres, não vistas por vezes como trabalho produtivo, suas hortas, pomares, criações de pequenos animais e beneficiamentos de alimentos, que contribuem na sobrevivência das famílias, na valorização dos saberes e na permanência no campo, alterando a visão do trabalho feminino na agricultura familiar como “ajuda” (SANTOS; AMARAL, 2020).

Os momentos em grupo advindos de dinâmicas diversas e contextualizadas, facilitam o reconhecimento e compreensão das situações vivenciadas nos núcleos familiares, na comunidade e nos espaços políticos (SANTOS, 2020), tem grande importância no processo político/organizativo das mulheres, empoderando-as individual e coletivamente, retomando seus espaços como atoras políticas de transformação social, enfrentando os sistemas de exploração, dominação e violência impostos. (JESUS et al., 2021)

3. Metodologia da Pesquisa

O presente estudo mobilizou análise documental, por análise bibliométrica e revisão de literatura. A bibliometria é um método de pesquisa que cria indicadores através de análise de publicações e permite identificar o desenvolvimento de áreas do conhecimento em uma gama de produções científicas, de modo a expor relações e tendências (SPINAK, 1996). A bibliometria foi realizada no banco de dados da Cadernos de Agroecologia (CA). O CA é uma revista publicada como website em plataforma de software livre, pertence a Associação Brasileira de Agroecologia (ABA-Agroecologia), e tem como objetivo publicar anais de eventos de agroecologia, realizados em parceria com a ABA-Agroecologia.

O CA publica resumos expandidos de eventos acadêmicos internacionais, nacionais, estaduais, regionais e locais, e se tornou um dos maiores bancos de dados da agroecologia no Brasil, juntamente com a Revista Brasileira de Agroecologia, também da ABA-Agroecologia. A análise bibliométrica buscou nos 34 números da CA, de 2006 a 2022, os estudos que mencionam no título ou no resumo a expressão “transição agroecológica”. A aplicação do

termo “transição agroecológica” no buscador da CA trouxe 488 publicações¹ em um universo de 11.756 publicações², representando 4% do total. (Dados da pesquisa, 2022)

Como estratégia de sistematização destas 488 publicações foi elaborada uma planilha onde foram inseridas informações das mesmas, a partir de variáveis pré-definidas, que estão descritas no Quadro 1, abaixo, permitindo análises das mesmas. Oito destas variáveis apresentaram grande diversidade, para fim de análise cada uma foi subdividida em categorias, estabelecidas a partir de informações contidas nas publicações, associadas por similaridade e sintetizadas por frases/palavras representativas, onde todas contêm uma ou mais categorias que o relacionam à presença de mulheres, as variáveis que foram subdivididas estão indicadas em amarelo no Quadro 1, e serão apresentadas nos resultados.

Quadro 1 - Variáveis extraídas na pesquisa

Básicas	Título	Link	Tipo	Ano da publicação	Evento	Eixo Temático
Autoria	Autor/es	Mulher 1ª autora	Mulher co-autora	Unicamente Mulheres Autoras	Instituição/entidade	Atuação
Geografia	Município		Estado	Região	Local/Território	
Mulheres em foco	Publicação sobre mulheres	Menção à gênero	Menção à mulheres/feminina	Menção à feminismo/s feministas	Contexto das Menções	
Contexto Social	Objeto de observação social	Organização Social			Políticas Públicas	NEA/R-NEA/CVT
Construção do Conhecimento	Seção Objetivos da publicação	Instrumentos metodológicos da publicação			Orientação da publicação	Sentido da transição

Fonte: Elaboração da autora.

*Legenda: NEA: Núcleos de Agroecologia / R-NEA: Rede de Núcleos de Agroecologia / CVT: Centros Vocacionais Tecnológicos. Células em amarelo se referem às variáveis que foram categorizadas para análise.

Foram feitas avaliações de distintos recortes relacionando a presença de mulheres enquanto autoras e objeto de observação social aos demais, são eles: recorte unicamente mulheres autoras (publicações com unicamente autoras), recorte 1ª autora (publicações com mulheres 1ª autora), recorte co-autora (publicações com mulheres co-autoras), recorte sobre mulheres (publicações sobre mulheres), e recorte geral (todas as publicações). Foi calculada a porcentagem dentro de cada recorte, para um entendimento gráfico proporcional das diferenças. Visando identificar destaques dentro das variáveis, as mesmas foram agrupadas e organizadas em acordo com a repetição de publicações. Por fim, foram gerados gráficos, mapas e tabelas informativas para auxílio na compreensão dos resultados.

A revisão de literatura foi realizada depois da bibliometria que organizou o universo das publicações sobre transição agroecológica, na Cadernos de Agroecologia. A revisão de literatura foi feita a partir do estabelecimento de filtros fundamentais para a pesquisa seguindo a ordem: publicações sobre mulheres; unicamente mulheres autoras, mulheres 1ª autora; mulheres co-autora/s; menção a mulheres/feminina/gênero/feminismo-s/feministas; restantes.

¹ Uma caracterização mais detalhada está na próxima seção.

² Dado fornecido em entrevista com a editora-geral da Cadernos de Agroecologia.

4. As Publicações sobre transição agroecológica na Cadernos de Agroecologia

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa, é composta de três (3) subseções, a primeira trata da caracterização das publicações, com informações cronológicas, autorais e de construção do conhecimento, a segunda sobre a contextualização geográfica e social das publicações, e a terceira envolve os sentidos da transição agroecológica. Todas perpassando a presença de mulheres, enquanto autoras e objeto de observação social das publicações.

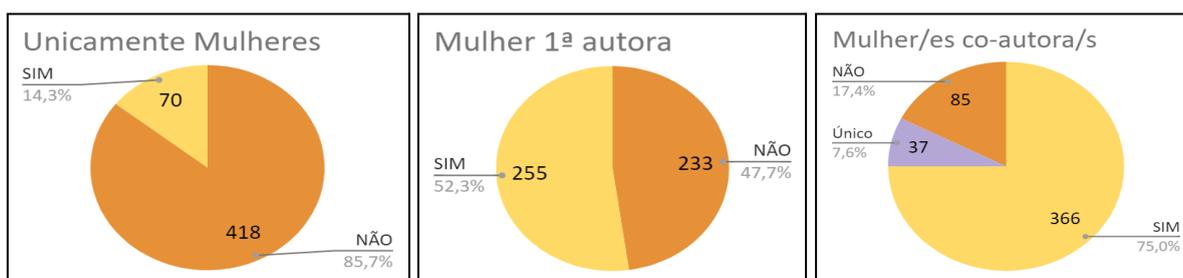
4.1 Caracterização das Publicações

Esta subseção apresenta a relação e evolução de mulher-autora nas publicações, assim como dos estudos sobre mulheres e os principais eventos que as envolvem, identifica as atuações e instituições/entidades do recorte unicamente autoras, as principais autoras do recorte 1ª autora, contextualiza as menções a mulheres em sua amplitude, e por fim aborda os objetivos e instrumentos metodológicos das publicações.

Como mencionado anteriormente ao buscar por Transição Agroecológica (TA) foram encontradas 488 publicações na Cadernos de Agroecologia (CA)², estas compõem o recorte geral da pesquisa. No website de 2018-2022 foram encontradas 281 publicações. No site de 2006-2017, foram encontradas 196 publicações com o termo “transição agroecológica” em seu título e 11 publicações pertencentes ao eixo temático “Manejo de Agroecossistemas Sustentáveis/Transição Agroecológica” - VIII CBA (Congresso Brasileiro de Agroecologia), totalizando 207 publicações. Entre o total, 21 publicações só continham o resumo.

As mulheres autoras crescem em participação nos recortes: unicamente mulheres autoras, 1ª autora e co-autoras. (Figura 1). Elas participam de 75% das publicações como co-autoras (366), 52% como 1ª autora (255) e 14% são escritas unicamente por elas (70), indicando que a construção do conhecimento sobre TA na CA se dá fortemente pela co-criação de mulheres em diálogo de saberes, e há forte presença de estudos coletivos.

Figura 1 - Quantidade e Porcentagem de Mulheres nas Publicações dos CA sobre TA

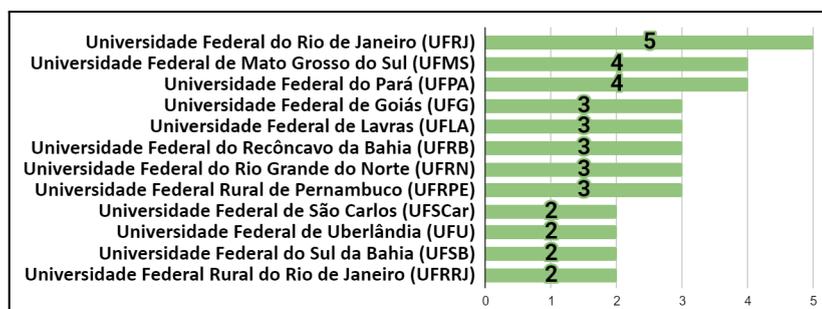


Fonte: Elaboração da autora.

² No momento desta pesquisa, a Cadernos de Agroecologia encontra-se alocada em dois websites distintos. Um contém as publicações de 2006/2017 e o outro de 2018/2022 (CADERNOS de Agroecologia, 2022).

Nas publicações escritas unicamente por mulheres, vemos uma variedade de origem social, as publicações foram escritas por assentadas, agricultoras, militantes do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), assessora técnica, empreendedora, tecnólogas, graduandas, pós-graduandas e professoras de Agroecologia, Ciências Sociais, Relações Internacionais, Engenharia Florestal, Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Geografia, Ciências Agrárias, Agroecologia e Desenvolvimento Territorial, Ciência Ambiental, Antropologia Social, Biologia Marinha, e Extensão Rural, o que reforça o entendimento da agroecologia como uma ciência transdisciplinar e da CA como um espaço que engloba diversidades. As autoras neste recorte, vêm de 43 instituições/entidades variadas, entre as principais (Figura 2), ganha destaque a UFRJ, que de 7 publicações em que é citada, 5 estão neste recorte; a UFRB de 4 publicações, 3; e a UFSB, onde todas publicações são de unicamente autoras.

Figura 2 - Principais Universidades das autoras do recorte Unicamente Mulheres Autoras



Fonte: Elaboração da autora.

As publicações no recorte 1ª autora (255) têm 221 mulheres, 12 destas têm 2 publicações e as três principais têm 3 publicações (Quadro 3), entre as publicações neste recorte apenas 19 são de autoria única, demonstrando a grande diversidade de mulheres presentes, em uma construção do conhecimento agroecológico coletivo por muitas mulheres.

Quadro 3 - Principais 1ª autora nas Publicações do CA sobre TA

Principais 1ª Autoras	nº	UF	REGIÃO	ANO/S PUBLI.	SM	INST.
ALCIENE OLIVEIRA FELIZARDO	3	PA	N	2018;2015;2013	0	UFPA; IFPA
DANIELLA NOGUEIRA MORAES CARNEIRO	3	MS	CO	2014;2013	0	UFG; EAO
MARIANA CREPALDI DE PAULA	3	GO	CO	2011;2013;2018	2	UFG

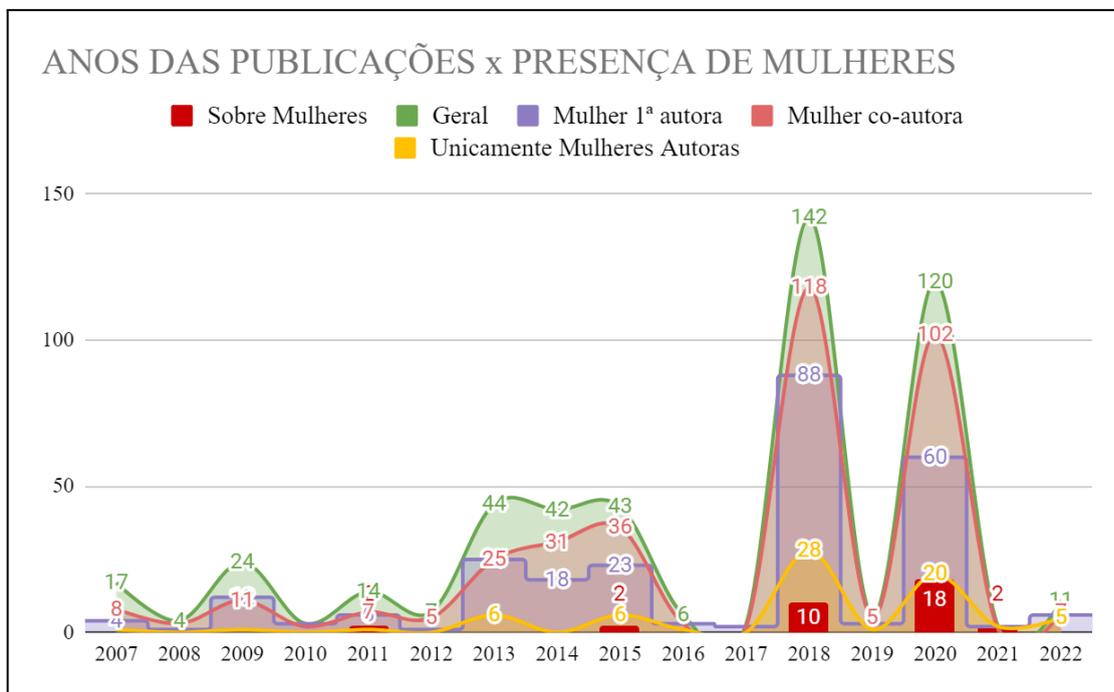
Fonte: Elaboração da autora.

*Legenda: SM: Publicações sobre Mulheres; EAO: Embrapa Agropecuária Oeste.

Escritas por 110 autoras/es, foram encontradas 34 publicações sobre mulheres como objeto de observação social (7% do total), todas com presença de autoras e 28 com 1ª autora. Ganham destaque as publicações escritas unicamente por mulheres, que de 14% do recorte geral, passam para 47% das publicações neste recorte, indicando convergência entre as publicações *por* e *sobre* mulheres, ainda que haja poucos estudos neste recorte.

As publicações em todos os recortes (cores da figura 3), se concentram nos anos de 2018 e 2020, em menor proporção nos anos de 2013, 2014 e 2015 (Figura 3).

Figura 3 - Publicações por Ano x Presença de Mulheres Autoras e enquanto objeto de observação social



Fonte: Elaboração da autora.

Essa concentração nas publicações é advinda principalmente de Congressos Brasileiros de Agroecologia (CBA), conforme demonstrado no quadro 4, abaixo, onde em um universo de 28 eventos, 8 apresentados no quadro 4 englobam 77% das publicações do recorte geral (G), 91% do recorte unicamente mulheres autoras (UMA) e 100% do recorte sobre mulheres (SM). O quadro reforça a relação entre o recorte SM e o UMA, onde vemos as linhas coloridas indicando aquelas onde estão correlacionados.

Quadro 4 - Principais Eventos envolvendo unicamente autoras e publicações sobre mulheres

Congresso	Tema	Publicação CA	G	SM	UMA
X CBA Brasília/DF (2017)	Agroecologia na Transformação dos Sistemas Agroalimentares na América Latina: Memórias, Saberes e Caminhos para o Bem Viver	v. 13, n. 1, 2018	135	10	26
XI CBA, São Cristóvão/SE (2019)	Ecologia de Saberes: Ciência, Cultura e Arte na Democratização dos Sistemas Agroalimentares	v. 15, n. 2, 2020	112	13	15
IX CBA, Belém/PA (2015)	Diversidade e Soberania na Construção do Bem Viver	v. 10, n. 3, 2015	42	2	5
VIII CBA, Porto Alegre/RS (2013)	Cuidando da saúde do planeta	v. 8, n. 2, 2013	44	0	5
VII CBA - Fortaleza/CE (2011)	Ética na Ciência: Agroecologia como paradigma para o desenvolvimento rural	v. 6, n. 2, 2011	14	2	0
AGROECOL, Campo Grande/MS (2018)	"Sistemas Agroalimentares, Sociobiodiversidade, Saúde e Educação: Desafios e Perspectivas".	v. 13, n. 2, 2018	13	0	3
RT sobre Agroecologia, Pelotas/RS (2022)	Agroecologia, Resiliência e Bem Viver	v. 17, n. 3, 2022	10	0	4
III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia, Recife/PE, Brasil (2019)	Trabalho, Cuidados e Bens Comuns	v. 15 n. 3, 2020	5	5	4
Convergências e divergências: mulheres, feminismos e agroecologia/virtual (2021)	PARTILHANDO VIVÊNCIAS, CONSTRUINDO REDES: MULHERES E AGROECOLOGIA, UMA CONEXÃO PROFUNDA	v. 16, n. 1, 2021	2	2	2
8 eventos	Dos 8 temas, 6 tratam de sistema agroalimentar, soberania alimentar, cuidado, conexão profunda	TOTAL	377	34	64

Fonte: Elaboração da autora.

As publicações do recorte sobre mulheres aparecem pela primeira vez no ano de 2011, com mulheres 1ª autora e participação de homens, uma com o tema do trato feminino do quintal como propulsor na TA, transformando a relação de sensibilidade na interação com a terra (SANTOS; CARVALHO, 2011), outra sobre a apicultura como início do processo de TA, onde as mulheres que tomaram a iniciativa e são as mais envolvidas (PAULA; RIBEIRO; SOUZA, 2011). A 1ª autora desta publicação, Mariana Crepaldi de Paula, é uma das principais autoras sobre TA na CA (Quadro 3) e sobre mulheres, neste com Maria Célia Araújo (CASACO/PB) e José Maria Gusman Ferraz (UNICAMP/SP) com 2 publicações, onde as/os demais 107 autoras/es participam de 1.

A presença de homens que se dispõe a estudar mulheres colabora na transformação de um conceito de espaço meramente feminino, para um espaço coletivo de enfrentamento. Em publicação de 1º autor, os questionamentos aos papéis sociais de gênero, potencialmente rompem construções culturais conservadoras (SILVA; SANTOS, 2020). Uma das entrevistadas traz a importância do posicionamento masculino, perante as situações de violência de gênero, fortalecendo o processo e incentivando as reflexões.

As mulheres são mencionadas em 127 publicações do recorte geral (26%), há diferenças quanto a palavra mencionada, os contextos e a presença de mulheres autoras, onde as palavras “feminismo/s” e “feministas”³ (5%) só aparecem nas publicações com a presença delas, mencionadas pela primeira vez em 2015. Já “gênero”⁴ (11%) aparece em 2009, “mulheres” e “feminina” são as mais citadas (22%) e aparecem desde 2007, todas as menções crescem conforme aumenta a presença e intensidade das autoras.

Os contextos das menções antes citadas foram agrupadas em categorias, podendo aparecer em mais de um contexto por publicação. Os contextos estão majoritariamente ligados a participação (52%) que faz referência também a papel e envolvimento; questões (45%), abrangendo abordagens, luta, transformação, igualdade, exclusão e violências; protagonismo (39%), citado no manejo de quintais, produção, guardiãs, visibilidade e importância; grupos (30%), ligado a união, processos organizativos, associações e movimentos; e por fim empoderamento (25%) em contextos de valorização, autonomia, geração de renda e experiências, esta última categoria também só aparece com a presença de mulheres autoras, onde cai o contexto categorizado de participação e aumenta o de questões.

³ Feminismo como um movimento social, político e cultural, de enfrentamento ao patriarcado e as expressões do machismo. Abranca distintos movimentos feministas que agem no avanço da luta das mulheres por emancipação, vinculados a distintas correntes teóricas e políticas (SILIPRANDI, 2015).

⁴ Gênero entendido como conceito analítico e descritivo, base das relações de poder estruturadas culturalmente, por símbolos, normas, identidades subjetivas e organizações/instituições sociais. Tendo como grande desafio a transformação social e “igualdade de gênero” (SILIPRANDI, 2015).

Os objetivos das publicações foram categorizados, e estão em ordem decrescente quanto ao nº de publicações no recorte unicamente autoras, conforme quadro 5, abaixo.

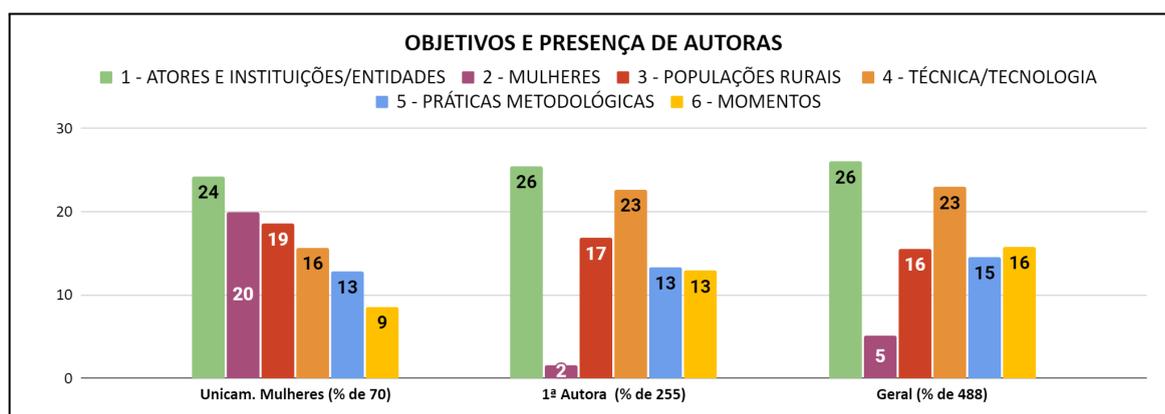
Quadro 5 - Seis principais categorias dos objetivos das publicações analisadas

1 - ANALISAR COSTUMES/PERFIS/ESTRATÉGIAS DOS ATORES E INSTITUIÇÕES/ENTIDADES NA TA
2 - ANALISAR ATUAÇÃO/PROTAGONISMO/PRESENÇA/IMPORTÂNCIA DAS MULHERES NA TA
3 - DESCREVER EXPERIÊNCIAS/TRAJETÓRIAS DAS POPULAÇÕES RURAIS NA TA
4 - ELABORAR/APRESENTAR TÉCNICA/TECNOLOGIA PARA APOIO À TA
5 - ANALISAR PRÁTICAS METODOLÓGICAS PARTICIPATIVAS / ESPAÇOS EDUCATIVOS
6 - AVALIAR/COMPREENDER INDICADORES, PROCESSOS E MOMENTOS/NÍVEIS/ESTADOS DA TA

Fonte: Elaboração da autora.

As proporções dentro dos recortes de presença de mulheres mostram diferenças (Figura 4), enquanto o objetivo nº 2 relacionado a mulheres têm destaque no recorte unicamente mulheres autoras, no recorte geral e 1ª autora aparece como último, o que reforça a interação entre os estudos *sobre* e *por* mulheres. O objetivo “Instituições/Entidades” se tornou mais presente ao longo dos anos nas publicações, se tornando o primeiro a partir de 2018.

Figura 4 - Relação do objetivo da publicação e mulher-autora (Unicamente Mulheres Autoras, 1ª autora e Geral)



Fonte: Elaboração da autora.

Há uma grande diversidade na capacidade de mobilização do método científico na TA dentro das publicações, os instrumentos metodológicos foram subdivididos em categorias (Quadro 6, abaixo) e relacionados a % de repetições nos recortes geral (488), sobre mulheres (34) e unicamente mulheres autoras (70) estando identificados em ordem decrescente quanto ao nº de repetições no quadro 6, onde as linhas pintadas fazem referência as que aumentam em relação aos recortes sobre mulheres e/ou unicamente mulheres autoras. Os instrumentos metodológicos na grande maioria das vezes se complementam, aparecendo em mais de 1 por cada publicação, com grande relação entre os “coletivos dialógicos” e “participativos”, assim como os de “pesquisa a campo” e “análises bibliográficas/documentais”. O método “LUME” e as “Cadernetas Agroecológicas” foram incluídos, a fim de destaque, por estarem diretamente relacionados à valorização do trabalho da mulher agricultora.

Quadro 6 - Instrumentos metodológicos das publicações sobre transição agroecológica

INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	EXEMPLOS	G %	UMA %	SM %
1 - COLETIVOS DIALÓGICOS	curios, intercâmbios, mutirões, unid. de experim., círculo de culturas	30	40	21
2 - PESQUISA A CAMPO	visitas, entrevistas semi-estruturadas, pesquisa-ação	30	43	53
3 - PARTICIPATIVOS	construções coletivas, diagnóstico rural participativo (DRP), FOFA	22	16	29
4 - ANÁL. BIBLIOG./DOCUMENTAIS	revisões bibliográficas, documentais e consultas a órgãos públicos	15	23	15
5 - ANÁL. SOLO/MICROORG./PRODUÇÃO	parâmetros de desenvolvimento, qualidade de sementes, experimentos	14	3	0
6 - ANÁL. SOCIOECON./AMBIENTAIS	métodos/metodologias avaliação da transição, levantamentos socioec.	8	1	6
7 - ORGANIZATIVOS	reuniões, definição coordenadoras, articulação entre atores/ instit./enti.	3	3	0
8 - REDESENHO DOS AGROECOSSISTEMAS	processos de redesenho dos agroecossistema, implantação de cultivos	3	0	3
9 - LUME	relacionado a valorização das mulheres agricultoras	2	0	6
10 - CADERNETAS AGROECOLÓGICAS	relacionado a valorização das mulheres agricultoras	1	4	9

Fonte: Elaboração da autora

*Legenda = G: Recorte Geral; UMA: Recorte Unicamente Mulheres Autoras; SM: Recorte Sobre Mulheres.

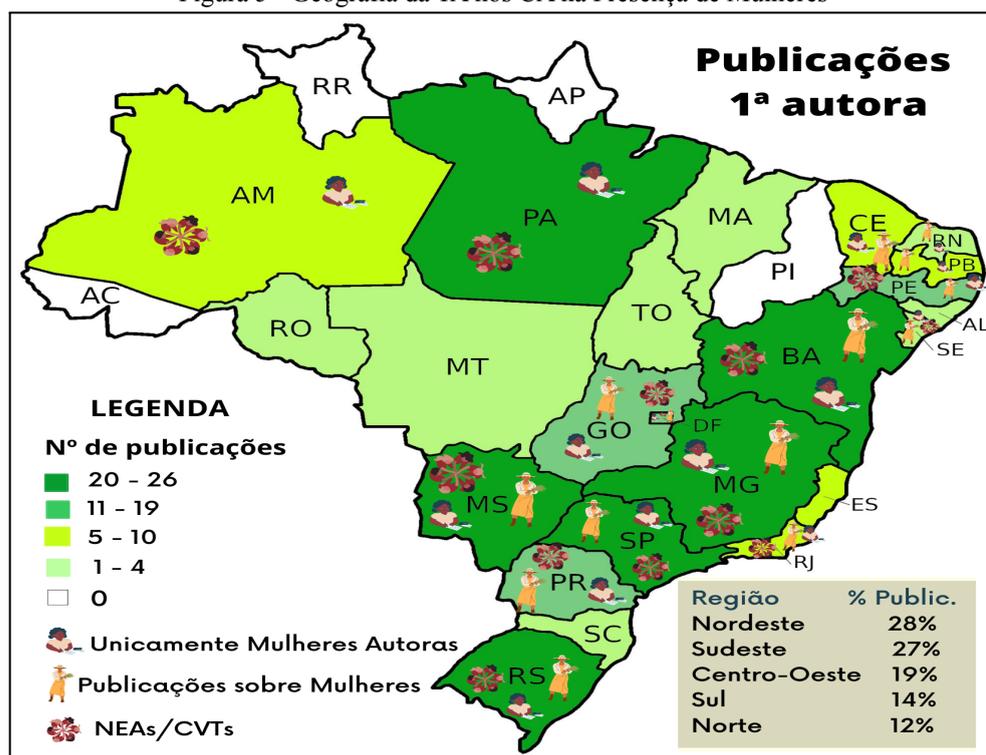
O método LUME (Análise Econômico-Ecológica de Agroecossistemas) é uma ferramenta de análise utilizada para valorização de trabalhos culturalmente invisibilizados, inclusive do trabalho feminino (CARVALHO; RAMOS, 2020), criado pela AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, esta que é uma associação direito civil sem fins lucrativos, voltada à promoção do desenvolvimento rural sustentável (AS-PTA, 2022). A metodologia das cadernetas agroecológicas foi criada por uma rede de organizações do campo agroecológica, entre estas o GT Mulheres da ANA (Articulação Nacional de Agroecologia), visibilizando o trabalho das mulheres, como parte importante da manutenção do agroecossistema, dos núcleos familiares e comunidades, onde as informações são anotadas pelas mulheres, valorizando e comprovando a contribuição das mesmas na esfera reprodutiva do trabalho, gerando renda, segurança alimentar e nutricional às famílias (SANTOS, 2020). Os instrumentos metodológicos categorizados como “coletivos dialógicos” começam a se destacar a partir de 2013, sendo maioria a partir de 2018 e assim se mantendo.

4.2 Contextualização Geográfica e Social

Esta subseção apresenta o contexto geográfico das publicações, relacionando aos estados, regiões e a presença de mulheres, assim como no contexto social, identificando as categorias sociais, organizações sociais e políticas públicas, destacando a presença de Núcleos de Agroecologia (NEA)/Redes de NEA (R-NEA)/Centros Vocacionais Tecnológicos (CVT).

O mapa (Figura 5) é baseado no recorte mulher 1ª autora, identificando o número de publicações dos estados e regiões, em escala de cores os primeiros, e por quadro os segundos, assim como os estados do recorte unicamente mulheres autoras e sobre mulheres, e aqueles com NEA/R-NEA/CVT, todos por meio de ícones indicados na legenda.

Figura 5 - Geografia da TA nos CA na Presença de Mulheres



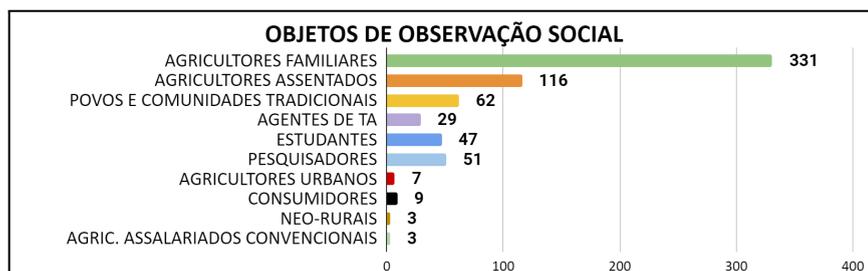
Fonte: Elaboração da autora.

No recorte “unicamente mulheres autoras”, a Bahia tem o maior nº de publicações (14%), seguida de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro (9% cada). Novamente, é possível perceber uma forte relação na presença de unicamente mulheres autoras e publicações sobre mulheres, destas a maioria vem de Pernambuco e Minas Gerais (15% cada), sem presença da região Norte. As publicações no recorte “geral” seguem o padrão de importância (%) do mapa do “1ª autora”, com exceção da diminuição da Bahia e do Nordeste, o aumento de Santa Catarina e presença dos demais estados, menos do Amapá, este único sem publicações. O Acre e o Amapá, não tem presença de mulheres autoras e, os demais estados que estão em branco no mapa, têm presença de co-autoras.

A presença de NEA e/ou CVT nas regiões está proporcionalmente na mesma ordem que o mapa, em um recorte a cada 4 anos de publicações, vemos os mesmos aumentando, assim como as publicações em geral, as de unicamente autoras, sobre mulheres e a região Nordeste. Esta região concentra as publicações *sobre* e *por* mulheres, conforme os recortes vão sendo aplicados no sentido co-autora; 1ª autora; unicamente autora; sobre mulheres, a região vai crescendo, chegando a ser metade do último recorte, o inverso ocorre com as regiões Centro-Oeste e Sul que diminuem a participação em comparação ao geral.

Os principais objetos de observação social das publicações do recorte geral (figura 6), foram inseridas em função de serem estudadas e/ou participantes das ações.

Figura 6 - Principais objetos de observação social contidas nas publicações

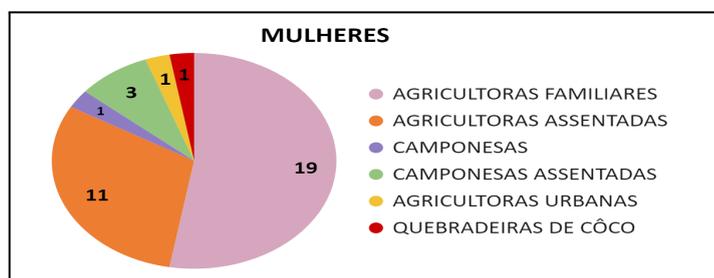


Fonte: Elaboração da autora.

Dentro de povos e comunidades tradicionais, temos em 1 publicação com: povos da floresta; povos do campo, da floresta, das águas e da cidade; quebradeiras de coco; e geraizeiros; em 3 de fundo e fecho de pasto³; em 4 povos indígenas, extrativistas e ribeirinhos; em 10 quilombolas e em 36 camponeses. Em agentes de TA, estão representantes de redes, grupos e extensionistas rurais. Na categoria estudantes: rurais, escolares e universitários. Quase 75% dos agricultores estão em transição agroecológica, 10% em sensibilização para a mesma, 10% são de base ecológica e 2,5% em modelos de produção convencionais.

As mulheres enquanto objeto de observação social (figura 7) aparecem em 35 publicações, uma única a mais que sobre mulheres, incluídos aqui as quebradeiras de coco, pela importância destas enquanto categoria social na construção da luta feminina, quando já em 1989 criaram no norte do país a Articulação das Mulheres Quebradeiras de Coco (SILIPRANDI, 2015). As agricultoras assentadas aparecem majoritariamente no Sudeste. Mais da metade das publicações com agricultoras familiares são do Nordeste, e 25% da região Sul, destes a grande maioria vem do RS. Publicações com camponesas do Nordeste e menor quantidade no CO. Agricultoras urbanas e as quebradeiras de coco no Nordeste (RN e MA).

Figura 7 - Mulheres enquanto objeto de observação social presente nas publicações do estudo



Fonte: Elaboração da autora

As organizações sociais são diversas, relacionadas aos contextos locais e processos coletivos, estão organizadas em 21 categorias (Figura 8). Dentro do recorte geral são citadas em 307 publicações (63%), a mesma % se aplica aos demais recortes, com exceção de sobre

⁵ Sistema comunitário de criação de gado à solta na caatinga. (CARVALHO; RAMOS, 2020)

mulheres, onde estão em 94% das publicações, o que indica grande relação entre ambas, onde os coletivos passam a ser os primeiros. Os assentamentos são destaque, entre eles o assentamento 72, em Ladário/MS é o mais citado, aparecendo em 13 publicações, está relacionado a UFMS, onde atualmente disponibiliza seus alimentos por meio de uma feira, aparece desde 2012 nas publicações, com forte caráter de interação e apoio da universidade.

Figura 8 - Quantidade de Publicações das Categorias de Organizações Sociais



Fonte: Elaboração da autora.

As associações têm variadas finalidades, há aquelas de comercialização, saúde, pesquisa, cultura, entre outras. O Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é a organização social mais citada, importantes incentivadores e promotores da TA, assim como o MST, diversos movimentos sociais carregam a agroecologia como bandeira (RABELLO; REIS; SILVA, 2020). As redes e articulações estão ligadas diretamente aos territórios, a Rede Ecovida de Agroecologia é a mais citada entre as redes e a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA) entre as articulações, necessárias para ampliar a visibilidade das experiências e enfrentamentos a desterritorialização que o agronegócio brasileiro pratica (PORTO et al., 2020).

As Organizações de Controle Social (OCS) são associações de agricultores que se unem visando regularizar a produção orgânica para venda direta dos alimentos produzidos, consumidores e apoiadores podem participar, contribuindo no desenvolvimento endógeno dos territórios. (BIONDO et al., 2020). Os sindicatos são de trabalhadores rurais dos municípios. Os centros estão ligados principalmente aqueles de apoio e promoção da agroecologia, em Organizações da Sociedade Civil temos ONGs, OSCIPs, Pastorais, Sociedades, Fundações, entre outras. A categoria caravanas também engloba comboios; e comissões, comitês.

As organizações sociais de mulheres, foram categorizadas como Coletivos de Mulheres (quadro 7), citadas em 3% das publicações, vemos a força nos nomes que carregam. Ganha destaque o Movimento de Mulheres Camponesas - MMC, que aparece em 22% das

publicações que citam coletivos de mulheres. O MMC age nos processos organizativos políticos das mulheres, sendo exemplo potencializador de ações (JESUS et al., 2021).

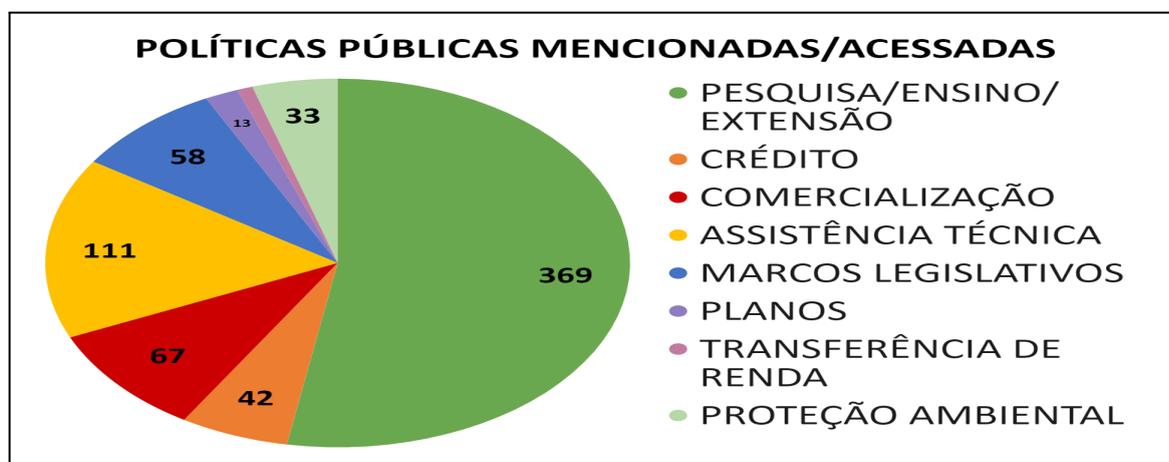
Quadro 7 - Coletivos de Mulheres que aparecem nas publicações estudadas

1	Movimento de Mulheres Camponesas (MMC)	10	Associação das Mulheres Produtoras Rurais da Comunidade Quandú e Adjacências do Município de Currais Novos/RN
2	Centro Feminista 8 Março	11	Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE)
3	Grupo de mulheres Abelhas Rainhas	12	Grupo de mulheres Agroflores de Ximenes/Assentamento Ximenes
4	Organização Casa da Mulher do Nordeste	13	Associação Municipal de Desenvolvimento Produtivo das Mulheres Trabalhadoras Rurais e Artesãs Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde--PE
5	GT Mulheres da Ana	14	Grupo de Mulheres Camponesas Mãos Unidas - Assentamento Conceição
6	Coletivo Regional de Mulheres do Paraná	15	Movimento de Mulheres Amazônia (MOEMA)
7	Grupo Flor de Açucena	16	Sempre Viva Organização Feminista
8	Grupo de mulheres Juntas Somos Fortes	17	Associação de Mulheres 'Resgatando sua História'
9	Associação Municipal Mulher Flor do Campo	TOTAL: 17	

Fonte: Elaboração da autora.

Uma grande diversidade de políticas públicas (PP) estão presentes nos estudos de transição agroecológica. Ao todo são citadas em \pm 87% de todos os recortes, com exceção do sobre mulheres, onde aumenta para 94%. Foram categorizadas conforme Figura 9. A tendência geral é a presença de órgãos/universidades/institutos públicos no fomento à TA, em cursos, eventos, pesquisas e projetos, também englobando as escolas públicas e Escolas Família Agrícola (EFA). Os órgãos públicos e universidades/institutos trabalham juntos em mais de 50% das publicações, o que indica complementaridade entre as ações e agentes. O financiamento de redes se alinha de forma adequada aos princípios agroecológicos e a promoção a TA, sendo potencialmente mais eficaz (SAMBUICHI et al., 2018).

Figura 9 - Natureza das Políticas Públicas mencionadas nas publicações



Fonte: Elaboração da autora

A assistência técnica tem grande importância para a TA, aparece em 25% das publicações do recorte geral, a ATER tem destaque, enquanto potente articuladora de políticas essenciais para a agricultura familiar e o desenvolvimento rural, se movimenta gradualmente para uma ATER Agroecológica com diálogo de saberes, facilitando processos nos territórios (SANCHES, 2018). Especialmente em populações rurais com vulnerabilidade social, a presença da ATER pública é fundamental, influenciando diretamente no desenvolvimento socioeconômico (MIOLLO et al., 2018). Os planos de implementação de políticas públicas são poucos citados, mas aparecem em níveis federais, estaduais, territoriais e municipais.

Nos marcos legislativos, a Política Nacional de Agroecologia e Agricultura Orgânica (PNAPO) é a mais citada, tendo a TA como uma de suas frentes (RAMOS et al., 2018). Em comercialização, temos basicamente o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) e PAA (Programa de Aquisição de Alimentos), ligados a uma estratégia de auto abastecimento das famílias onde podem co-existir a venda pelos mercados institucionais e a sua sobrevivência (PORTO et al., 2020). Em 2021, após uma série de ataques, o PAA foi “substituído” pelo Alimenta Brasil e o PNAE não obteve reajustes (OLIVEIRA, 2022), este que quando alinhado a PNAPO é potencialmente aliado na TA, agindo da diversificação produtiva, o incentivo de 30% no valor pago a alimentos de produção orgânica, oportuniza a inserção de métodos e práticas na agricultura convencional (RAMOS et al., 2018).

As políticas públicas de crédito aparecem em menor proporção em relação às anteriores, concentradas no PRONAF. A TA se alinha a autonomia de insumos externos, aproveitando ao máximo o potencial endógeno dos agroecossistemas nos manejos, estando menos propensa ao uso de créditos de custeio (SAMBUICHI et al., 2018). São necessárias novas formas de entender os efeitos das PP na vida das pessoas, incorporando aspectos de subjetividade, tendo em vista a especificidade e diversidade da agroecologia, e os efeitos qualitativos advindos das ações de diferentes atores em conexão. (DULCI; TAVEIRA, 2018)

Em relação direta com mulheres, é citado uma vez o PRONAF Mulher, em um contexto de não acesso pelas agricultoras (SOUSA; JOTA; ALMEIDA, 2018); a Lei Maria da Penha, em publicação de enfrentamento a violência de gênero (SILVA et al., 2020); 2 projetos universitários com a temática envolvida, na UFMS e na UNIVALI; e 1 vez a Diretoria de Políticas para Mulheres Rurais (DPMR) do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), que nacionalizou em 2016, em parceria com a UFV a experiência das cadernetas agroecológicas. (JESUS et al., 2021)

Os NEAs/R-NEAs/CVTs estão presentes em 79 publicações do recorte geral (16%), 2 são R-NEAs (Rede Amazônica e Região Sudeste), 7 CVTs e 50 NEAs, com a maioria ligada a

Universidades. As autoras estão presentes na maioria das publicações (90%), onde 10% tem como objeto social de observação as mulheres (agricultoras familiares e assentadas) e 30% fazem menção às mulheres. Os principais NEAs com publicações que tem como objeto social de observação as mulheres estão descritos no quadro 8, onde as linhas coloridas identificam aqueles que estão inseridos na Área Temática “Mulheres e Feminismos” do site Agroecologia em Rede, sendo que nas linhas em branco estão aqueles que embora não identificados pelo site do Agroecologia em Rede na Área Temática citada, contém publicação com mulheres como objeto social de observação e/ou carregam no nome a referência, onde vemos um que incorpora para além de “Núcleo de Estudos em Agroecologia”, a ideia de Economia Feminista. Onde, as autoras que compõe o referido NEA na publicação que o cita, alinham a construção dos sistemas agroecológicos com o rompimento das desigualdades de gênero e valorização das mulheres. (PAES; FILIPAK; ALEIXO, 2018)

Quadro 8 - Principais NEAs/CVTs com Publicações sobre Mulheres

Nome do Núcleo de Agroecologia	Instituição	nº	Região	UF
Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA)	UFU	7	SE	MG
Núcleo de Estudos em Agroecologia, Agrobiodiversidade e Sustentabilidade Prof. José Antônio Costabeber (NEA)	UFMS	4	S	RS
Núcleo de Agroecologia e Campesinato (NAC)	UFRPE	3	NE	PE
Núcleo de Extensão Rural Agroecológica (NERA)	UEPB	3	NE	PB
Núcleo de Agroecologia do Bolsão (NEA - Bolsão)	UFMS	2	CO	MS
Núcleo de Estudos em Agroecologia e Produção Orgânica (NEA ARAPUÁ)	IFFarroupilha	1	S	RS
Núcleo de Estudos em Agroecologia e Economia Feminista (NEA)	IFSP	1	SE	SP

Fonte: Elaboração da autora.

4.3 Sentidos da Transição Agroecológica

Esta subseção apresenta os sentidos da transição agroecológica, agrupados e subdivididos em categorias, são descritas suas definições e por fim são relacionados os sentidos da TA às orientações das publicações.

Os sentidos da transição agroecológica são aqui entendidos como aqueles que levam e motivam a transição agroecológica, movidos por pessoas e pelo tecido social co-criado, perpassa momentos históricos e culturais, imbuídos de valores, ideias e ações (WARMLING, 2014). Foram subdivididos em categorias devido à grande diversidade deles mapeados neste estudo. Porém os sentidos mapeados estão essencialmente conectados, em complementaridade e convergência (Quadro 9), aparecendo em mais de um por publicação. Nos recortes com presença de autoras, há diferenças na porcentagem de repetições e a grande maioria dos sentidos cresce do recorte geral para unicamente mulheres autoras (linhas pintadas), sentidos

estes que carregam características de enfrentamento, qualidade de vida, participação e desenvolvimento humano, ligados às dimensões social, ética e cultural.

Quadro 9 - Sentidos da Transição Agroecológica e Presença de Mulheres Autoras

Sentidos da Transição Agroecológica	QTD GERAL	% DE 488	QTD 1ªA	% DE 255	QTD UMA	% DE 70
ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E MANEJO	390	79,92	203	79,61	57	81,43
AMBIENTE PRESERVADO	347	71,11	180	70,59	51	72,86
QUALIDADE DE VIDA DAS POPULAÇÕES AGRICULTORAS	281	57,58	136	53,33	42	60,00
PRÁTICAS E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS	294	60,25	149	58,43	46	65,71
GERAÇÃO DE RENDA	268	54,92	139	54,51	46	65,71
ESTRATÉGIAS POLÍTICAS	254	52,05	113	44,31	31	44,29
ENFRENTAMENTOS POLÍTICOS	250	51,23	107	41,96	44	62,86
ORGANIZAÇÃO COLETIVA	233	47,75	122	47,84	39	55,71
AGROECOSSISTEMA EQUILIBRADO	228	46,72	105	41,18	27	38,57
AUTONOMIA AGRICULTORES	207	42,42	113	44,31	46	65,71
SOLO VIVO	171	35,04	72	28,24	20	28,57
SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL	157	32,17	92	36,08	33	47,14
ANCESTRALIDADE E SABERES TRADICIONAIS	157	32,17	83	32,55	42	60,00
DIÁLOGO DE SABERES ENTRE OS ATORES	153	31,35	75	29,41	26	37,14
ALIMENTOS DE QUALIDADE E SAÚDE PARA A POPULAÇÃO	125	25,61	67	26,27	30	42,86
DIMENSÃO LOCAL	102	20,90	48	18,82	13	18,57
SOBERANIA ALIMENTAR	81	16,60	44	17,25	25	35,71
EQUIDADE DE GÊNERO/PROTAGONISMO MULHERES	62	12,70	39	15,29	19	27,14
ÉTICA NO CONSUMO	52	10,66	29	11,37	14	20,00
JUVENTUDES TRANSFORMADORAS	46	9,43	16	6,27	4	5,71

Fonte: Elaboração da autora.

*Legenda: 1ª A: Mulher 1ª autora; UMA: Unicamente Mulheres Autoras

Os sentido mais citado é Alternativas de Produção e Manejo, relacionada a Sistemas Agroflorestais (SAFs), Sistemas de Plantio Direto de Hortaliças (SPDH), consórcios, Pastoreio Racional Voisin (PRV), Boas Práticas Agrícolas (BPAs), Plantas Alimentícias Não-Convencionais (PANCs), compostagem, diversificação de espécies, aproveitamento da água da chuva, entre muitas outras, que compõem o início e o processo de TA, estão ligadas às mulheres que no cotidiano em seus quintais produtivos desenvolvem diversas alternativas, com entendimento dos agroecossistemas e das relações existentes, muitos imbuem a TA com o caráter exclusivo técnico, abrindo mão da potencialidade intrínseca de transformação socioambiental/política que carrega.

Ambiente Preservado é o segundo que mais aparece, ligado à proteção dos recursos naturais e manutenção da biodiversidade, indicando forte caráter de conscientização ambiental que leva a TA, desde os sujeitos pesquisadores como os pesquisados, onde as mulheres são citadas em várias publicações com olhar mais sensível às questões ambientais. Segundo

SILVA e SANTOS (2020) a agroecologia contribui e pauta a harmonia do ser-humano com o ambiente, em uma agricultura que se afasta da degradação historicamente introduzida nos territórios, protegendo os solos, a vida e seus recursos.

A qualidade de vida das populações agricultoras, citada em mais da metade das publicações, se relaciona com os benefícios a saúde e bem-estar advindo das propostas revolucionárias das práticas agroecológicas; ao fortalecimento e empoderamento das populações agricultoras, seus modos de vida, integrando técnicas simples e eficientes, que conduzem a caminhos de autonomia e permanência rural; a relação ser humano-natureza, onde os parâmetros estéticos ganham destaque na escolha das atividades, reforçando a ligação entre as percepções de beleza cênica e as dinâmicas da TA.

Práticas e Metodologias participativas estão relacionadas a mutirões, círculos de culturas, rodas de saberes, Diagnóstico Rural Participativo, bancos de sementes, diagramas, chuva de ideias, oficinas, educação ambiental, unidades de referência, jardins comestíveis, hortas comunitárias, espaços de Construção do Conhecimento Agroecológico, entre muitos outros, que servem como base para disseminação do conhecimento agroecológico, estimulando redes e canais de atuação, que potencializam a atuação política dos atores, com aprofundamento de vínculos afetivos entre os mesmos e destes com a Agroecologia enquanto movimento, prática e ciência. Está ligado ao diálogo de saberes entre os atores, compondo um novo paradigma de ciência, onde há interação de saberes técnico-científicos e populares que buscam convergências em vivências e espaços coletivos. Ana Primavesi, uma mulher, referência em agroecologia é citada pelas mulheres entrevistadas, como exemplo da visão diferenciada de mulheres na construção do conhecimento.

A equidade de gênero/protagonismo das mulheres está intimamente ligada à presença de autoras, categorias sociais femininas e menções à mulheres, além de transitar entre os demais sentidos. As mulheres protagonizam uma grande parcela dos casos de TA, e esta precisa se contrapor ao machismo e aos espaços de dominação (SILVA et al., 2020), enquanto modelo de vida que dialoga com o feminismo, por relações sociais horizontais, que empoderem as atoras sociais, na sua atuação política social, pelo lugar de fala e de expressão, onde se tem o forte papel de lideranças motivadoras (CAMARGO, 2020).

As estratégias políticas estão relacionadas a ações de diferentes atores públicos em prol da TA; têm grande presença da ATER, agindo no fortalecimento sócio-político, articulando PP a programas e projetos. São diversas as ações, desde as diretas, como as mais abrangentes, como a implementação de cursos técnicos e superiores em Agroecologia, com forte ação nos territórios circundantes, gerando vínculos que além de afetivos e sociais, são

militantes; hortas comunitárias estimuladas pelo poder público em situações de vulnerabilidade social e poluição; a criação Bancos Comunitários de Sementes de Adubos Verdes (BCSAV); as feiras de alimentos oriundos dos sistemas em TA, com importante papel das universidades; a ideia de uma ATER Agroecológica, rompendo com a ação difusionista⁶.

Os enfrentamentos políticos agindo na democratização da vida e no diálogo de saberes entre os atores, estão ligados ao acesso à terra, como espaço de trabalho e vida; à água e aos direitos; ao combate ao modelo hegemônico de agricultura e difusionismo; aos agrotóxicos, à pobreza rural e a opressão, dominação e exploração. Os espaços formativos e organizativos nas comunidades, as trocas de saberes, contribuem nas reflexões que levam a busca de estratégias conjuntas de enfrentamento, resistindo enquanto sujeitos de direitos. As mulheres têm presença marcante nos enfrentamentos, não só ligados à questão de gênero, mas na democratização do acesso à terra e à vida, assim como os movimentos sociais, que potencializam a agroecologia, a disseminando nos territórios e para além destes.

A geração de renda está ligada a circuitos curtos de comercialização, feiras, cestas, mercados institucionais, turismo rural, economia local e solidária, entre outros. O espaço feira de agricultores se constitui em um estratégico espaço de fortalecimento da TA, ao interagir com outros agricultores e consumidores, há uma mudança nas relações com o cultivo (PEREIRA et al., 2018), desempenham papel essencial na segurança alimentar e econômica das famílias agricultoras, gerando renda e qualidade de vida, numa perspectiva social, além de cultural, também para os consumidores (SOARES et al., 2018). Almoços Agroecológicos, com preços justos, espaços formativos e culturais (FRANCH et al., 2020); e os circuitos curtos agroalimentares, em venda direta ou indireta. A conexão entre o rural-urbano legitima o trabalho camponês, reforçando a importância na produção dos pequenos agricultores que alimentam o prato dos brasileiros. (FERREIRA; BISPO; ALMEIDA, 2018)

As organizações coletivas são chaves na TA, estão intrinsecamente ligadas aos processos de enfrentamento, autonomia e resiliência, potencializando os demais sentidos da TA encontrados. Ao se organizarem em grupos, se reconhecem e se conectam em uma identidade coletiva, que leva a ações organizadas e direcionadas, combatendo as opressões que permeiam as relações sociais. É no cotidiano, na resolução de conflitos, que os grupos se reinventam e trilham caminhos transformativos, que servem de inspiração. As mulheres passam a valorizar seus trabalhos, saem dos limites dos sítios/casas, interagindo com outras mulheres e ocupando espaços comunitários, onde são valorizadas e se destacam, emergindo a

⁶ Baseada no modelo difusionista de transferência de tecnologias, que enxerga o agricultor como um receptor passivo (GADELHA et al., 2018).

grande transformação social, protagonizada por elas (LEAL et al., 2020). Os grupos de jovens aparecem em relação direta com a permanência rural (CARDÊNIA et al., 2018), onde as redes e articulações com diferentes atores, proporcionam espaço de interações, auto-organização, trocas e reflexões, com diálogo entre o científico e o popular, democratizando o conhecimento, em uma ciência a serviço do povo (TEIXEIRA et al., 2018).

A autonomia dos agricultores está relacionada a meios de vida, comercialização e insumos. A construção da autonomia das mulheres rurais perpassa a resiliência, onde todas em diferentes espaços, tempos e intensidades, enfrentam barreiras nas famílias e comunidades, especialmente por parte dos maridos e filhos (MELO et al., 2020). A formação para autonomia nos movimentos sociais e algumas instituições têm se baseado em princípios pedagógicos da práxis de Paulo Freire e na pedagogia da alternância como metodologia (PINTO et al., 2018). Está diretamente ligada à autonomia das mulheres rurais em suas redes.

A segurança alimentar e nutricional permeia todos os sentidos. Ancestralidade e saberes tradicionais estão relacionados a quintais produtivos, saberes ancestrais, comunidades tradicionais, conhecimentos locais, práticas tradicionais, guardiãs e guardiões, que agem na manutenção da biodiversidade genética e cultural (MOTA, 2020), dobrando em citações no recorte unicamente mulheres. A articulação com a ancestralidade por mulheres urbanas, encontra força no trabalho com ervas medicinais, produção conjunta de produtos de limpeza e beleza ecológicos (SANTOS et al., 2020).

As agricultoras ao se encontrarem com a agroecologia reconhecem muitas das práticas das comunidades que nasceram (CUNHA et al., 2018), algo trazido por uma das entrevistadas, onde reconheceu nas práticas de sua mãe, a agroecologia. A soberania alimentar, de suma importância, se origina enquanto termo no movimento de La Via Campesina, sendo referendado no Fórum Mundial de Soberania Alimentar, em 2001, em Havana (LAMIR, 2022).

Alimentos de qualidade e saúde para a população, está ligada ao consumo consciente e responsável, que se preocupa na minimização dos impactos gerados a natureza, as redes de consumidores, preços justos, envolvimento entre os atores e responsabilidade social, onde as mulheres são citadas em destaque em sua busca, para si, seus núcleos familiares e comunidades. Neste sentido é compreendido a complexidade da produção, a escala produtiva e saúde advinda do consumo de alimentos de qualidade (ALMEIDA, 2020). Grupos de Consumo Responsável (GCR) agem no fortalecimento da agroecologia e justiça social nas relações de trabalho, buscando diminuir atravessadores, o consumo é percebido como um ato político. (BARRETO; RIBEIRO; LORENZO, 2018)

Por fim, o sentido ligado a juventudes transformadoras, entendendo que a juventude se expressa de diferentes formas, onde as experiências humanas são diversas e contextualizadas, para além das formalizações etárias, se utiliza no estudo um sentido mais amplo, adotando “juventudes” (CARDÊNIA et al., 2018). A autonomia dentro do núcleo familiar, uma das bases socioeconômicas para a permanência da juventude na agricultura familiar, encontra apoio na TA (DREBES; CLAUDINO; MELLO, 2022), as iniciativas de inovação nas práticas e manejos dos agroecossistemas encontram força nas juventudes, muitos ligados às agroflorestas, motivam a melhoria da qualidade de vida, agindo na transformação da relação com natureza circundante e entre si. (SALIN; ANDRADE; MATTOS, 2009)

Os sentidos da TA se relacionam com as orientações das publicações, estas que indicam o foco principal das publicações no entendimento da autora, e tem nos sentidos da TA os conceitos que auxiliam em sua compreensão. (Quadro 10)

Quadro 10 - Nº de Publicações dos Sentidos em relação a Orientação definida da Publicação

Orientação	Sentido	Nº Public.	% Orien.
Transformação Socioambiental/Política (191 Publicações)	QUALIDADE DE VIDA DAS POPULAÇÕES AGRICULTORAS	139	72,77
	ESTRATÉGIAS POLÍTICAS	128	67,02
	ENFRENTAMENTOS POLÍTICOS	126	65,97
	GERAÇÃO DE RENDA	122	63,87
	ORGANIZAÇÃO COLETIVA	120	62,83
	AUTONOMIA AGRICULTORES	97	50,79
	SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL	79	41,36
	ANCESTRALIDADE E SABERES TRADICIONAIS	75	39,27
	ALIMENTOS DE QUALIDADE E SAÚDE PARA A POPULAÇÃO	60	31,41
	SOBERANIA ALIMENTAR	51	26,70
	DIMENSÃO LOCAL	49	25,65
	EQUIDADE DE GÊNERO/PROTAGONISMO MULHERES	44	23,04
	ÉTICA NO CONSUMO	35	18,32
JUVENTUDES TRANSFORMADORAS	30	15,71	
Práticas Sociais e Formativas (198 Publicações)	AMBIENTE PRESERVADO	148	75,51
	PRÁTICAS E METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS	132	67,35
	DIÁLOGO DE SABERES ENTRE OS ATORES	78	39,80
Produção e Manejo (99 publicações)	ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO E MANEJO	99	100
	AGROECOSSISTEMA EQUILIBRADO	66	65,35
	SOLO VIVO	58	57,43

Fonte: Elaboração da autora.

A orientação “Práticas Sociais e Formativas” é a com maior nº de publicações, engloba aquelas que contém como essência ações participativas, em diálogo de saberes com os atores, envolvendo suas diversidades. Encontra fonte na promoção e disseminação de conhecimentos e tecnologias de forma integrada entre os diversos atores, por meio das atividades que estimulam a construção do conhecimento agroecológico de forma conjunta, ampliando as esferas de discussão para avançar na TA, os principais objetivos das publicações (definidos no quadro 5) nesta orientação estão ligados a técnicas/tecnologia (23%) e a populações rurais (21%), com destaque aos instrumentos metodológicos coletivos dialógicos (30%) e

participativos (25%). Se alinha aos sentidos destacados, que estão ligados a dimensões ecológica e social, estando presente em 44% das publicações de NEA/R-NEA/CVTA.

Produção e Manejo são a minoria das publicações, engloba aquelas voltadas à técnicas e experimentos acadêmicos produtivos, visando contribuir na TA, em busca de alternativas necessárias, os sentidos em destaque nesta estão ligados apenas à dimensão ecológica, reforçando seu direcionamento, além de não haver nenhuma citação ao sentido de equidade de gênero/protagonismo das mulheres. Os objetivos das publicações nesta orientação são majoritariamente técnicas/tecnologias (56%) e os instrumentos metodológicos de análise do solo/microrganismos/produção (50%), explicitando o seu caráter produtivo e técnico.

Por fim, a orientação Transformação Socioambiental/Política, onde percebi um forte caráter político, permeado por enfrentamentos a situações de dominação, hegemonia, degradação e exploração. O quadro nos mostra uma diversidade de sentidos nesta orientação, ligados a dimensões social, política, econômica, cultural e ética, englobando 70% do sentido equidade de gênero/protagonismo das mulheres, cresce nas publicações do recorte sobre mulheres e no recorte unicamente mulheres autoras. Nesta orientação os principais objetivos das publicações estão ligados aos atores e instituições/entidades (26%), abarca 84% das publicações que tem objetivo ligado a mulheres, e têm destaque os instrumentos metodológicos de análises bibliográficas/documentais (25%), representando 44% das publicações de NEA/R-NEA/CVTA. Segundo MACEDO (2019), a ideia de neutralidade política, especialmente no que tange às pesquisas não se comprova, as práticas científicas pressupõem métodos que agem na produção do conhecimento, não há ciência neutra, aquelas que estudam e são estudados estão impregnadas de valores, influenciando a realidade, que é produto das relações entre os seres humanos e o meio. As mulheres presentes expressivamente potencializam os processos transformativos, fortalecendo o debate, pautando mudanças necessárias e inspirando enfrentamentos.

5. Considerações Finais

A construção do conhecimento agroecológico para a transição agroecológica na Cadernos de Agroecologia é feito por muitas mulheres, com expressiva presença, são maioria em 1ª autoria, diversas, publicam majoritariamente em coletivos, são de diferentes áreas do conhecimento, incorporando agricultoras, assentadas e militantes de movimentos sociais, com diálogo de saberes, posicionamentos, práticas e metodologias, reforçando este caráter na CA, em um novo paradigma de ciência, em diálogo com o povo, que valoriza e respeita as

populações enquanto sujeitos de direitos, impregnados de histórias e vivências, que colaboram na construção da TA, em seu sentido mais amplo, indo muito além da produção e manejo que permeia o processo e também é muito citada pelas autoras, integrando os aspectos sociais e transformativos fortemente abordados.

As publicações *sobre* mulheres e aquelas escritas unicamente *por* mulheres estão relacionadas, indicando maior sensibilidade destas para as necessidades das mulheres rurais, fortalecendo processos internos, comunitários e territoriais. Embora seja necessário ressaltar a pequena quantidade de publicações tendo mulheres como objeto de observação social, cenário que vem se modificando ao longo dos anos, em uma crescente, que alinha a TA às mulheres, visibilizando a transformação que carregam.

O sentido de enfrentamento na TA é potencializado na presença de mulheres autoras, na busca por desenvolvimento humano, qualidade de vida e cuidado com o ambiente, mobilizam sentidos ligados à dimensão social, ética e cultural, se opondo ao sistema de degradação e dominação ao planeta, das pessoas e suas diversidades. O empoderamento feminino individual e coletivo se alinha aos sentidos da TA, em uma potente relação, onde as mulheres fortalecem a TA com seu interesse, iniciativa e diálogo, em uma nova forma de vinculação da espécie humana com a natureza e a TA fortalece as mulheres, convergindo nos sentidos que as impulsionam na retomada de espaços.

A diversidade marcante mostra a grande potencialidade da TA enquanto feita por muitas e diversas frentes de ação, que em sintonia formam o grande tecido social. As ações coletivas são inúmeras e contextualizadas, com as organizações sociais aparecendo na grande maioria dos trabalhos sobre mulheres. As autoras estão na grande maioria das publicações envolvendo NEAs, reforçando o papel das políticas públicas de fomento a redes, com grande importância nas ações de pesquisa, ensino e extensão, que apoiam e disseminam a agroecologia, agindo diretamente nos povos e comunidades.

Entendo que há limites no recorte abordado, mas fica o questionamento ao olharmos para as referências de transição agroecológica, nas próprias publicações e em um contexto geral, por que são citados homens em sua maioria, ao passo que as mulheres ocupam expressivamente o papel de autoras no tema, é preciso ressignificar nossas ações e isso perpassa o entendimento e reflexão. Ainda há muito o que avançar nas discussões sobre mulheres na TA, onde cada ação, a cada dia, por cada mulher, em seu núcleo familiar, rede e comunidade, agrega a luta pela visibilização e empoderamento feminino, em busca do bem viver das populações, da preservação ambiental, popularização da agroecologia, acesso e construção do conhecimento agroecológico, e de relações sociais justas e igualitárias.

6. Referências Bibliográficas

- AGROECOLOGIA em Rede. Disponível em: <https://agroecologiaemrede.org.br>. Acesso em: 28 jul. 2022.
- ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Reforma agrária, mulheres e Agroecologia: construindo o consumo consciente em Três Lagoas-MS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.
- AS-PTA. **Quem somos**. Disponível em: <http://aspta.org.br/quem-somos>. Acesso em: 15 nov. 2022.
- AVENTURIER, Pascal. Estudo cientométrico dos Congressos Brasileiros de Agroecologia. **Kairós edições**. 2015
- BARRETO, Andréa; RIBEIRO, Fabiana G. P. L.; LORENZO, Leda. ComerAtivaMente: O que você alimenta quando se alimenta?. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.
- BIONDO, Elaine *et al.* Produção de alimentos orgânicos em Encantado, RS: da transição agroecológica a construção de uma Organização de Controle Social. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.
- BURG, Inês Claudete. **As mulheres agricultoras na produção agroecológica e na comercialização em feiras no sudoeste paranaense**. 2015. 131p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – Curso de Pós Graduação em Agroecossistemas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BUTTO, Andrea Rebeca; ESPÍNDOLA, Tainã. TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA E ALIMENTAÇÃO: TENSÕES EXISTENTES NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA EM SÃO JOÃO, AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15 n. 3, 2020.
- CADERNOS de Agroecologia. Edições 2006 - 2017. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/issue/archive>. Acesso em: 18 ago. 2022.
- CADERNOS de Agroecologia. Edições 2018 - 2022. Disponível em: <http://cadernos.aba-agroecologia.org.br>. Acesso em: 24 jun. 2022.
- CAMARGO, Clara. MULHERES, AGROBIODIVERSIDADE E COMUNS NA COMUNA DA TERRA IRMÃ ALBERTA: REUNINDO CAMPO E CIDADE NA PERSPECTIVA AGROECOLÓGICA. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15 n. 3, 2020.
- CARDÊNIA, Danúbia *et al.* A caminhada com o “Pé n4 T3rr@”. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.
- CARVALHO, Maiara; RAMOS, Carlos Henrique. Análise ecológico-econômica de agroecossistemas com ênfase comparativa em dois subsistemas. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.
- CUNHA, Elisângela de Souza *et al.* Da resistência à transição agroecológica no assentamento 72, Ladário/MS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 2, 2018.

D'AVILA, Manuela. **Sempre foi sobre nós: relatos da violência política de gênero no Brasil.** Porto Alegre: Instituto E se fosse você. 2021.

DREBES, Laila Mayara; CLAUDINO, Livio Sergio Dias; MELLO, Andrea Hentz de. Reflexões sobre a influência da agroecologia na sucessão geracional da agricultura familiar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 17, n. 3, 2022.

DULCI, Luiza; TAVEIRA, Leonardo. Desafios na consolidação da agroecologia nas políticas públicas de juventude: a experiência de construção do Plano Nacional de Juventude e Sucessão Rural. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

FERREIRA, Jhiovanna Eduarda Braghin; BISPO, Iolanda Rodrigues Soares; ALMEIDA, Rosemeire Aparecida de. Feira Agroecológica da UFMS/CPTL. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 2, 2018.

FRANCH, Jaime Lima *et al.* Almoço agroecológico, alimentação saudável e interação campo - cidade. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

GADELHA, Edmar *et al.* Concepção e estruturas necessárias para a pesquisa e extensão rural pública apoiar a transição agroecológica em Minas Gerais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

GAIA, Marília Carla de Mello; ALVES, Marcelos João. Transição Agroecológica. In: DIAS, Alexandre Pessoa *et al.* **Dicionário de Agroecologia e Educação.** São Paulo: Expressão Popular; Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2021. p. 771-777.

IYUSUKA, Sheyla Saori. **Mulheres na Agroecologia: um estudo bibliométrico.** 2015. 48 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal de São Carlos, Araras, 2015.

JESUS, Cleidineide Pereira de *et al.* QUINTAIS PRODUTIVOS: O OLHAR FEMINISTA TRANSFORMANDO “PEQUENOS” ESPAÇOS EM GRANDES EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS. **Cadernos de Agroecologia**, v. 16, n. 1, 2021.

LAMIR, Daniel. Soberania Alimentar: a luta contra a fome mundial diante dos lucros globais. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: 11nq.com/MWnfM. Acesso em: 22 Out. 2022.

LEAL, Larissa Sapiensa *et al.* Os caminhos das mulheres na transição agroecológica: obstáculos e conquistas. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

MELO, Marilene N. *et al.* Mulheres guardiãs das galinhas de capoeira: saberes, paixão e autonomia. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

MIOLLO, Josiane Rodrigues *et al.* O pastoreio racional voisin (PRV) e a transição agroecológica na agricultura familiar. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

MOTA, Mariana Silva. Guardiões de sementes e memória biocultural. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, Cintia Shaiany Correa de *et al.* Promoção de troca de saberes entre horticultores urbanos em transição agroecológica do Setor Bela Vista em Gurupi-TO. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

OLIVEIRA, Rafael. Abandonada no governo Bolsonaro, agricultura familiar resiste a desmontes de políticas públicas. Brasil de Fato, 2022. Disponível em: 11nq.com/FszC1. Acesso em: 20 Out. 2022.

PAES, Ana Maria Baccarin Xisto; FILIPAK, Alexandra, ALEIXO, Sany Spínola. O uso de mapas mentais como Metodologia para o desenvolvimento da transição agroecológica e da autonomia das mulheres rurais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PASQUALOTTO, Nayara *et al.* A transição agroecológica e o papel desempenhado pelas mulheres. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2015.

PAULA, Mariana Crepaldi de; RIBEIRO, Dinalva Donizete; SOUZA, Roberto Oliveira. Resultados da introdução da atividade apícola no processo de transição agroecológica no Assentamento Santa Rita, em Jataí - GO. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, 2011.

PEREIRA, Ana Jéssica Guimarães *et al.* O espaço feira como estratégia de fortalecimento da produção orgânica em Santarém- Pará. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

PINTO, Diogo Souza *et al.* Troca de Saberes da Juventude no Protagonismo da Transição Agroecológica no Município de Goiás. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 2, 2018.

PORTO, Sílvio Isoppo *et al.* Construindo transição agroecológica no Mato Grosso: resistência ao modelo hegemônico da pecuária industrial. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

RABELLO, Diógenes; REIS, Ana Terra; SILVA, Lucas Souza. Discutindo questão agrária no Pontal do Paranapanema (SP): elementos para pensar agroecologia, reforma agrária e conflitos territoriais. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

RAMOS, Jenifer *et al.* O Programa Nacional de Alimentação Escolar nos Territórios Rurais Litoral e Campos de Cima da Serra: qual o papel na transição agroecológica?. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SALIN, Thainá Catillo; ANDRADE, Eliane Conceição Rojas; MATTOS, Jorge Luiz Schirmer de. Agrofloresta e o Resgate da Biodiversidade: Uma Experiência de Transição Agroecológica no Agreste Pernambucano. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 2009.

SAMBUICHI, Regina Helena Rosa *et al.* O Financiamento da transição agroecológica no Brasil: será que estamos no caminho certo?. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SANCHES, Cinara Del' Arco. ATER agroecológica no estado da Bahia – uma política pública em construção. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SANTIN, Fátima Giovana Tessmer *et al.* Agroecologia, Vida e Esperança: A Luta de Duas Mulheres Pela Transição Agroecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SANTOS, Carine de Jesus; AMARAL, Letícia de Souza. FEMINISMO E TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA: ESTUDO DE CASO SOBRE A ASSOCIAÇÃO DAS MULHERES PRODUTORAS RURAIS DA COMUNIDADE DO QUANDÚ E ADJACÊNCIAS DO MUNICÍPIO DE CURRAIS NOVOS (AMPRORQUA). **Cadernos de Agroecologia**, v. 15 n. 3, 2020.

SANTOS, Graciete Gonçalves. Quintais produtivos e as mulheres: espaços de construção de autonomia e transição agroecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SANTOS, Janaina Henrique dos *et al.* Alquimias da Terra: uma experiência de usos das ervas medicinais na faxina ecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SANTOS, Linda Marçal Oliveira; CARVALHO, Marivaldo Aparecido. O trato feminino do quintal: uma experiência de transição agroecológica – Diamantina/MG 2011. **Cadernos de Agroecologia**, v. 6, n. 2, 2011.

SEVILLA GUZMÁN, Eduardo. Sobre as perspectivas teórico-metodológicas da Agroecologia. **Redes**, v. 22, n. 2, p. 13-30, 30 abr. 2017.

SILVA, Amanda Alves de Sousa *et al.* Mulheres do campo e violência: um olhar sobre a transição agroecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15, n. 2, 2020.

SILVA, Jardel Sousa da; SANTOS, Camila Dutra dos. GÊNERO, TERRITÓRIO E AGROECOLOGIA: AS GUARDIÃS DA VIDA NOS QUINTAIS EM TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA DO ASSENTAMENTO BERNARDO MARIN II. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15 n. 3, 2020.

SOARES, Aparecida Hurtado *et al.* A Feira de Saberes e Sabores do IX Congresso Brasileiro de Agroecologia: materializando a diversidade e o bem viver de norte a sul do Brasil. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SOUSA, Gerlúcio Moura Bezerra; JOTA, Tito Antonio Ferraz; ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. O crédito rural e Mulher Flor do Campo: política pública acessada pelas mulheres do Sertão do Pajeú. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

SOUZA, Beatriz Pessoa; DUBEUX, Ana. ESPAÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO SOLIDÁRIA E FORTALECIMENTO DA AUTONOMIA FEMININA: A EXPERIÊNCIA DO MERCADO DA VIDA EM BONITO - PE. **Cadernos de Agroecologia**, v. 15 n. 3, 2020.

SILIPRANDI, Emma. Desafios para a extensão rural: o "social" na transição agroecológica. **Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v.3, n.3, Jul/Set 2002.

SILIPRANDI, Emma. Mulheres e Agroecologia: transformando o campo, as florestas e as pessoas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2015.

SPINAK, E. **Diccionario enciclopédico de bibliometría, cienciometría e informetría.** Caracas: UNESCO, 1996.

TALASKA, Alcione; PUNTEL Jovani Augusto; SIMON, Everton Luiz. A relação sociedade-natureza: da racionalidade tecnicista ao enfoque científico da Agroecologia. **Revista Meio Ambiente e Sustentabilidade**, v. 6, n. 3, p. 242 - 263, 12 jun. 2014.

TEIXEIRA, Carine Andrade *et al.* As Jornadas de Agroecologia da Bahia como importante instrumento no avanço do debate e prática da agroecologia no estado. **Cadernos de Agroecologia**, v. 13, n. 1, 2018.

VIEIRA, Marian *et al.* Agricultura sustentável: favorecendo ambientes saudáveis e o empoderamento feminino. **Revista de Educação Popular**. v.. 18, p 4-25, mai-ago 2019.

WARMLING, Deise. **Sentidos sobre agroecologia: a produção, distribuição e consumo de alimentos agroecológicos no município de Florianópolis/SC**. 2014. 63 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.